

ARTESANATO CAMETAENSE COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DA GEOMETRIA

Maria Jacira de Souza Costa ¹

INTRODUÇÃO

O ensino da matemática nos anos iniciais representa um desafio constante para os docentes, especialmente quando se trata da abordagem de conteúdos como as figuras geométricas planas. Muitas vezes, o ensino tradicional desconsidera o contexto cultural e social dos alunos, tornando a aprendizagem abstrata e pouco significativa. Nesse sentido, a Etnomatemática, proposta por Ubiratan D'Ambrosio (2002), surge como uma perspectiva inovadora que reconhece a matemática presente nas práticas culturais e cotidianas das comunidades, integrando saberes tradicionais e conhecimentos escolares.

Conforme destaca D'Ambrosio (2002, p. 19), “o cotidiano está impregnado de saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura”. Essa compreensão evidencia que a matemática não se limita ao espaço escolar, mas é vivida nas experiências e nas produções culturais dos povos.

Partindo dessa perspectiva, o presente estudo investiga o uso do artesanato cametaense como recurso pedagógico para o ensino da geometria, explorando as figuras geométricas planas presentes nos objetos artesanais e promovendo o diálogo entre cultura local e conhecimento matemático. Essa abordagem visa fortalecer o vínculo entre a escola e a realidade dos alunos, uma vez que “a etnomatemática pode possibilitar aos indivíduos que seus conhecimentos possam ser expressos e possibilitará também um aprendizado muito mais eficaz e significativo” (Pinheiro e Costa, 2016, p. 16).

A relevância do estudo está em valorizar a cultura cametaense e, ao mesmo tempo, inovar as práticas pedagógicas no ensino da matemática, utilizando elementos regionais como instrumento didático, possibilitando integrar o conhecimento escolar aos saberes tradicionais, tornando o aprendizado mais próximo da vivência dos alunos.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, UFPA, jacy1990costa@gmail.com;

O trabalho foi desenvolvido com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dalila Leão, em Cametá-PA, por meio de uma abordagem qualitativa e de caráter aplicado. O objetivo geral foi compreender e explorar os conceitos geométricos presentes nas práticas culturais locais, promovendo aprendizagens matemáticas contextualizadas. Especificamente, buscou-se identificar as formas geométricas nos objetos artesanais, aplicar esses conceitos em atividades lúdicas e estimular o reconhecimento e a valorização da cultura local pelos alunos.

METODOLOGIA

O presente estudo adotou uma abordagem qualitativa, por permitir compreender os fenômenos educacionais em seu contexto real e valorizar os significados atribuídos pelos participantes ao longo do processo de aprendizagem. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 47), “na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. As ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência”. Essa perspectiva metodológica mostrou-se adequada para analisar a interação entre os alunos, o conteúdo matemático e os elementos culturais utilizados como recurso pedagógico.

A pesquisa teve caráter aplicado, uma vez que buscou intervir na prática docente, articulando teoria e ação pedagógica por meio da aplicação de atividades concretas. O estudo foi desenvolvido com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dalila Leão, localizada no município de Cametá, no estado do Pará.

O método utilizado foi a observação participante, que possibilitou acompanhar diretamente as ações e reações dos alunos durante as atividades propostas, promovendo uma análise mais sensível às suas percepções e aprendizados. As atividades foram realizadas em formato de plano de aula, elaborado com base na Etnomatemática e nos princípios do ensino contextualizado.

Durante a execução do plano, os estudantes foram convidados a explorar figuras geométricas planas (como círculo, quadrado e triângulo) presentes no artesanato cametaense, como em objetos do cotidiano — paneiros, peneiras, matapis, cestos e outros utensílios produzidos artesanalmente na região. Por meio da observação e da manipulação desses objetos, os alunos puderam identificar, comparar e nomear as formas geométricas, relacionando-as aos conceitos trabalhados em sala de aula.

Os instrumentos de coleta de dados incluíram registros escritos e fotográficos das atividades, bem como anotações em diário de campo sobre as interações entre os alunos e suas respostas diante das propostas. A análise dos dados foi conduzida de forma descritiva e interpretativa, buscando compreender como a contextualização cultural favoreceu o engajamento, a compreensão dos conceitos geométricos e a valorização da identidade local.

Dessa forma, a metodologia aplicada buscou não apenas alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, mas também ressignificar o ensino da geometria nos anos iniciais, evidenciando que o aprendizado matemático pode (e deve) dialogar com a cultura e com o cotidiano dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação do plano de aula fundamentado na Etnomatemática possibilitou observar resultados expressivos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. As atividades foram planejadas de forma a integrar o artesanato cametaense ao conteúdo de figuras geométricas planas, promovendo uma aproximação entre a matemática escolar e o universo cultural dos estudantes.

Durante as aulas, os alunos foram incentivados a observar e identificar formas geométricas presentes em objetos artesanais, como paneiros, peneiras, matapis e cestos, amplamente utilizados no cotidiano local. A partir dessa exploração, as crianças reconheceram com facilidade círculos, triângulos, quadrados e retângulos, estabelecendo relações entre os conceitos geométricos estudados e os elementos concretos de sua realidade.

Foi possível perceber que a contextualização cultural favoreceu o engajamento dos alunos e reduziu a resistência ao estudo da geometria, que muitas vezes é vista como abstrata. As atividades práticas despertaram curiosidade, interesse e participação ativa, promovendo interações significativas entre os estudantes e o conhecimento matemático. Essa experiência confirma a perspectiva de Pinheiro e Costa (2016, p. 21), segundo a qual no contexto pedagógico da etnomatemática, “o indivíduo deverá ser estimulado a compartilhar os seus saberes no ambiente escolar, pois estes indivíduos trazem

conhecimentos prévios, experiências vividas no seu cotidiano e de como lidar e aplicar no seu dia a dia”, tornando o ensino mais dinâmico e significativo.

Os resultados também evidenciaram o papel central da mediação docente, que foi essencial para conectar os conceitos geométricos às técnicas artesanais. A atuação do professor como orientador e facilitador do processo de descoberta permitiu que os alunos construíssem seus próprios significados, desenvolvendo habilidades de observação, comparação e classificação de formas. Ao mesmo tempo, o trabalho com o artesanato possibilitou reflexões sobre o valor cultural desses objetos e sobre o papel das tradições locais na vida da comunidade.

Além dos ganhos cognitivos, a atividade contribuiu para o fortalecimento da identidade cultural dos alunos, que se reconheceram como parte de uma comunidade rica em saberes e tradições. Ao compreender que a matemática está presente nas práticas cotidianas de seus familiares e vizinhos, as crianças passaram a atribuir novo sentido ao aprendizado escolar, valorizando sua cultura e percebendo-se como produtores de conhecimento.

Esses achados dialogam com as ideias de D’Ambrosio (2002), ao afirmar que a matemática é vivida nas práticas sociais e que o ensino deve respeitar os modos próprios de cada cultura de compreender o mundo. A experiência demonstrou que, ao aproximar o conteúdo matemático da realidade dos alunos, o ensino torna-se mais significativo e inclusivo, favorecendo não apenas a aprendizagem dos conceitos geométricos, mas também o desenvolvimento de uma educação matemática crítica e humanizadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu compreender que a integração entre Etnomatemática e cultura local constitui uma estratégia pedagógica eficaz para o ensino da geometria nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A experiência desenvolvida com o uso do artesanato cametaense como recurso didático mostrou que a contextualização do conteúdo matemático com a realidade dos alunos favorece a aprendizagem significativa, estimula o interesse pelas aulas e contribui para o fortalecimento da identidade cultural.

A aplicação do plano de aula fundamentado na Etnomatemática possibilitou aos alunos reconhecer e explorar formas geométricas planas presentes em objetos de seu cotidiano, relacionando o conhecimento científico aos saberes tradicionais. O envolvimento ativo das crianças durante as atividades demonstrou que, quando o ensino parte daquilo que lhes é familiar, os alunos tornam-se mais participativos, criativos e confiantes em suas próprias capacidades.

Do ponto de vista pedagógico, o estudo reforça a importância de o professor atuar como mediador entre o conhecimento escolar e o contexto sociocultural dos alunos, promovendo práticas que despertem o senso crítico e o respeito à diversidade de saberes. Essa postura valoriza o papel da escola como espaço de construção coletiva de conhecimento, onde o aprendizado ultrapassa os limites do livro didático e ganha sentido na vivência cotidiana.

Em termos mais amplos, a pesquisa contribui para repensar as práticas de ensino da matemática, mostrando que o diálogo entre ciência e cultura é um caminho possível e necessário para tornar o processo educativo mais humano, inclusivo e contextualizado. A valorização do artesanato cametaense como instrumento pedagógico representa não apenas uma inovação metodológica, mas também um gesto de reconhecimento e respeito à história e às tradições do povo de Cametá.

Dessa forma, conclui-se que a Etnomatemática constitui uma importante aliada na formação de sujeitos críticos e conscientes de seu pertencimento cultural, ao mesmo tempo em que promove aprendizagens matemáticas mais sólidas e significativas. Sugere-se, portanto, que novas pesquisas e práticas docentes continuem explorando o potencial educativo dos saberes locais, de modo a fortalecer o vínculo entre educação, cultura e comunidade.

Palavras-chave: Etnomatemática; Cultura Cametaense; Ensino Fundamental; Artesanto; Geometria.

REFERÊNCIAS

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

PINHEIRO, Deusanira Raiol; COSTA, Walber C. Lima. A Etnomatemática como ferramenta pedagógica no contexto escolar. **II Jornada de Estudos em Matemática. Marabá-Pa**, 2016.